

ANÁLISE DA ESTÉTICA NACIONALISTA EM *MENSAGEM*, DE FERNANDO PESSOA

ORIENTANDO: Gabriel Vaz de **SOUZA**¹

ORIENTADOR: Prof. Dr. Emerson Calil **ROSSETTI**²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o viés nacionalista-saudosista em dois poemas que fazem parte do livro **Mensagem** de Fernando Pessoa. O principal motivo para a escolha deste tema foi o contexto histórico em que se encontrava Portugal no período de publicação da obra e os efeitos que os acontecimentos extratextuais produziram na escrita do referido autor. Procuramos analisar o viés nacionalista na composição dos poemas por meio das técnicas e elementos de que o autor utiliza para construir sua expressão poética e suscitar nos leitores o espírito de ufanista necessário à retomada do progresso lusitano. Ao longo das análises, procuramos compreender símbolos e sentidos a que recorreu Fernando Pessoa na composição de dois dos poemas mais conhecidos de sua obra saudosista.

PALAVRAS-CHAVE

Modernismo. Nacionalismo. Saudosismo. Fernando Pessoa. Mensagem.

Introdução

No início do século XX, surge na literatura e nas artes em geral o período denominado Modernismo, nascido num tempo de diversos e importantes acontecimentos pelo mundo. A Europa já beirava os 400 milhões de habitantes, o processo industrial estava implacável e, entre 1914 e 1918, temos a I Guerra Mundial que gerou cerca de 20 milhões de mortes. Não só isso: houve o surgimento da eletricidade, do cinema, do automóvel, do avião, sinais que claramente demonstravam a evolução mundial rumo ao moderno no sentido científico – e pleno – do termo.

¹ Graduando em Letras – FIRA - Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré – SP – Brasil
- bizovazdecaminhal59@gmail.com

² Docente do Departamento de Letras – FIRA - Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 -- Avaré-SP – Brasil – dr.ecrossetti@uol.com.br

Portugal, embora inserido no contexto europeu de evolução, não estava no mesmo ritmo. Primeiro, o regime monárquico estava já esgotado, os portugueses clamavam por progresso, buscando o desenvolvimento que se impunha a toda a Europa; porém, a Monarquia mostrava-se totalmente estéril em relação a fazer algo para resolver os problemas do atraso do país. “[...] se avoluma a onda de insatisfação contra o regime monárquico, incapaz de resolver os problemas mais urgentes da nação e oferecer um clima normal de tranquilidade e progresso.” (MOISÉS, 1992, p. 235).

O povo não aguentaria por muito tempo tal situação, e assim já era de se esperar que algo acontecesse. Em 1908, o então Rei D. Carlos é assassinado juntamente com o príncipe e herdeiro D. Luís Filipe – é o clímax da tensão entre povo e monarquia. Chamam, então, D. Manuel II, que era muito jovem, mas consegue manter-se no trono até 1910. Entretanto em 4 de outubro do mesmo ano, a República é instaurada naquele país. Após tais acontecimentos, formam-se dois grupos opostos: aqueles que não concordavam com o novo regime, denominando-se integralistas, e os renascentistas, que eram pró-república.

O grupo renascentista tinha como principal objetivo ressuscitar a pátria portuguesa, a qual havia sido, com o tempo, coberta por anos de escuridão – basta apenas olharmos para o passado português: o apogeu lusitano com as descobertas marítimas e depois a ruína com o desaparecimento de D. Sebastião em Alcácer-Quibir seguido do domínio espanhol, sequelas que talvez até hoje não desapareceram completamente: “Criar um novo Portugal, ou melhor, ressuscitar a Pátria Portuguesa, arrancá-la do túmulo onde a sepultaram alguns séculos de escuridade física e moral, em que os corpos definharam e as almas amorteceram” (MOISÉS, 1992, p.236)

Uma figura de extrema importância para essa fase foi Teixeira de Pascoaes, é dele que emana todo um culto à saudade, uma preocupação em reconstruir o que foi Portugal; acreditava que a saudade era o sentimento mais profundo para atingir tal objetivo. A grande divulgadora desse saudosismo foi a revista **A Águia** (1910-1932), mas, logo com três anos de existência, ocorreram atritos entre seus membros os quais achavam que o Saudosismo de Pascoaes possuía um caráter extravagante. Devido a esse atrito, surge uma nova revista, **Seara Nova**, cujo objetivo era propor uma mudança cultural racional, científica e com caráter universal. Não obstante, a extravagância de Pascoaes atinge alguns jovens nomes que conheceríamos muito bem, entre eles Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro que, juntos, fundam a revista **Orpheu**, instaurando o Modernismo como período literário em Portugal.

O Orfismo, como ficou conhecido esse período da primeira fase do Modernismo naquele país, apesar de abraçar também a linha saudosista de Pascoaes, vai além. É o que se pode notar na conduta da intrigante personalidade de Fernando Pessoa e seu processo de criação:

É justamente esta a mais rica, densa e intrigante faceta de Pessoa: sua capacidade de despersonalizar-se e reconstruir-se em outros personagens, todos eles igualmente poetas. E a esses “vários poetas” Fernando Pessoa deu uma biografia, caracteres físicos, traços de personalidade, formação cultural...

Assim é que, além de Fernando Pessoa ele-mesmo, “nasceram” seus heterônimos [...] É importante não confundir heterônimo com pseudônimo. Pseudônimo é um nome falso, sob o qual alguém se oculta. O heterônimo vai além: é um outro nome, uma outra personalidade, uma outra individualidade – diferente portando, do criador. (NICOLA, 2007, p. 202).

Foram dezenas de heterônimos criados durante sua vida, até mesmo na infância, mas devemos apontar os três mais estudados e conhecidos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

Caeiro é considerado o mestre de todos os heterônimos, descrito como louro, magro e de olhos azuis. Órfão desde pequeno, foi criado por uma tia velha. A principal característica da poesia de Caeiro é o olhar “simplório” que tinha da realidade, pois para ele “as coisas são como são” e existem porque existem. Tudo aquilo que é metafísico ele ignora. Por essa simplicidade, seu vocabulário é despojado, em tom de prosa.

Ricardo Reis é médico, de estatura mediana, olhos e cabelos escuros, aclamado como um poeta clássico, possui disciplina formal e tem como modelo literário Horácio. Algumas características compartilha com Caeiro, como a valorização da vida no campo e a simplicidade das coisas. Mas seus textos possuem uma disciplina formal à moda clássica, como não se vê no outro heterônimo.

Quanto a Álvaro de Campos, difere bastante dos outros dois: magro, 1,75m de altura, cabelos lisos e escuros, usa monóculo e é engenheiro mecânico e naval; possui um olhar completamente moderno sobre a vida e sua obra é instável, dividida em três fases: decadentista, futurista e pessoal ou niilista.

O objeto de maior interesse desta pesquisa foi produzido pelo próprio Pessoa, ou, como chama a crítica, Fernando Pessoa ele-mesmo (o ortônimo), cuja obra se divide em dois vieses: lírica e saudosista-nacionalista. Como já foi dito, Portugal estava em grande crise cultural com o final da Monarquia e mesmo depois da proclamação da República. A nação buscava o progresso, mas as dificuldades eram inúmeras. Nesse cenário, os renascentistas

tinham como objetivo reviver Portugal, fazer com que a nação portuguesa voltasse a ser grandiosa. O saudosismo-nacionalismo é a vertente mais forte para buscar essa revitalização da pátria. Em 1934, Pessoa publica seu primeiro e único livro em língua portuguesa, **Mensagem**, composto por quarenta e quatro poemas, nos quais ele contará, com teor épico e lírico, a história de Portugal.

Retomando o passado grandioso das navegações e das descobertas, Fernando Pessoa procura reacender a chama da conquista, que tanto caracterizou o povo português no passado e se apagou com o desaparecimento de rei D. Sebastião, na África. *Mensagem* canta não o Portugal real, de seu tempo, metido num marasmo sem fim, mas o Portugal sonhado por seus heróis, loucos e alucinados. É uma obra nacionalista que procura reviver o sonho da grandiosidade da nação, perseguido por vários poetas desde o século XVII. (CEREJA e MAGALHÃES, 1997, p. 170).

Tendo em vista tal condição, nesta pesquisa pretende-se estudar os elementos saudosistas-nacionalistas presentes em alguns poemas de **Mensagem**, apontando suas principais características e significados, visando também desvendar os símbolos utilizados pelo poeta para auxiliar na criação da nação almejada.

Desenvolvimento

A presente pesquisa tem como *corpus* os poemas “O Mostrengo” e “Mar português”. Dois fatores levaram à escolha desses textos: o primeiro, “O Mostrengo”, é, a nosso ver, a mais épica poesia do livro, expressando toda a vontade e conseqüente grandeza do povo português em suas conquistas; o segundo, “Mar português”, apresenta de forma mais lírica o nacionalismo e a bravura dos lusitanos.

“O Mostrengo” é um poema com três estrofes de nove versos cada uma. É interessante ressaltarmos a escolha intencional do poeta pelos números três e nove, ambos inseridos num campo de símbolos esotéricos com uma carga de sentido maior. Vamos à primeira estrofe:

O Mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou trez vezes a chiar... (PESSOA, 2018, p.44).

Notamos que o poema começa com uma atmosfera hostil, visando salientar a dimensão épica que será delineada ao longo do texto. O primeiro verso revela aquele fim do mundo que, segundo as lendas na Idade Média, era o que existia “além do horizonte”. Lembremos que, antes das Navegações, era comum as pessoas acreditarem na existência de

monstros marinhos ou numa espécie de “limbo” além-mar. São os portugueses que trarão o desconhecido à luz, fator primordial para o apogeu lusitano durante os quinhentos.

Quando passamos para o segundo verso, há uma intensificação da atmosfera sombria, notada pela presença de construções linguísticas como “noite de breu” e “ergueu-se a voar”. Pode-se interpretar “noite” como símbolo do perigo/trevas/ameaça/ a não-luz, mas que remete também à esperança do vir-a-ser quando o sol despontar e iluminar o caminho dos desbravadores. A preferência por verbos como “erguer” é intencional, afinal se sugere certa brutalidade às ações do Mostrengo, o que acentua a atmosfera poética grandiosa impressa no texto.

Nos últimos dois versos, temos uma intensificação do perigo e da ameaça protagonizados pelo Mostrengo, o qual começa a voar e chiar em roda da nau portuguesa. Toda essa construção durante a primeira estrofe valoriza a empreitada dos portugueses durante as Grandes Navegações, pois eles são o povo capaz de enfrentar e vencer o perigo, redefinir os limites do homem e do mundo; trata-se do nacionalismo épico que Pessoa, assim como Camões em sua epopeia, constrói. José de Nicola em **Margens do Texto** diz:

No poema renascentista, Adamastor, um dos titãs, representa toda a fúria dos mares contra a ousadia portuguesa de navegar “os mares nunca de outrem navegados” e de tentar dominá-los. A mesma fúria caracteriza o Mostrengo no poema de Fernando Pessoa. (NICOLA, 2007, p. 79).

É justamente essa fúria enfrentada pelos portugueses que confere a dimensão épico-nacionalista ao poema. Os lusitanos estão em face do perigo jamais enfrentado em prol da nação, para universalizarem suas conquistas. O núcleo dessa empreitada não é o desejo individual, mas sim social, coletivo, humano.

Para serem reconhecidos e ilustrar essa ousadia, logo na segunda estrofe teremos os seguintes versos:

E disse: “Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?” (PESSOA, 2018, p.44).

O próprio Mostrengo reconhece a ousadia lusitana, traço recorrente em um grande herói. Nota-se, então, um rompimento da “cortina” que separa o mundo pré-navegações e pós-navegações. Tal ruptura, cuja causa é a empreitada lusitana, gera uma ampliação geográfica, política, econômica, social e cultural. A contínua presença dos elementos épicos canta perfeitamente esse apogeu lusitano durante o processo expansionista.

Pessoa entende muito bem a crise que Portugal vivia na época em que publicou **Mensagem**, e isso fica nítido aos leitores. O autor busca revigorar os ânimos de uma nação decadente, principalmente buscar as cinzas desse povo destemido, forte, enfrentador dos perigos. Foram alguns séculos de escuridão suficientes para acabar com o brilho de uma pátria de grandes heróis e conquistas? É o questionamento sobre o qual paira a poesia de **Mensagem**.

Retomando o começo da análise, há uma intenção de sentido por parte de Pessoa nas escolhas dos números que regem o texto. Foram encontrados no espólio do autor cerca de vinte e sete mil escritos. Estima-se que cerca de dez por cento deles são de temas esotéricos, entre eles astrologia, numerologia, cartomancia e alquimia. Convém a consideração de que o autor utilizava muito a filosofia esotérica em sua produção literária, sobretudo na criação dos heterônimos.

A professora Dra. Elêusis M. Camocardi estudou a vida e a obra de Pessoa em seu livro **Fernando Pessoa, Mensagem: história, mito, metáfora**; ela faz uma análise da numerologia presente em “O Mostrengo”:

Vejamos como se processa, no poema, o esquema numérico: três estrofes de nove versos (vinte e sete equivalem a nove, porque $2+7=9$; sete vezes aparece a palavra “três” ($7 \times 3=21$ que equivale a $2+1=3$) [...] doze vezes o Mostrengo voou em roda da nau (12 equivale a $1+2=3$) [...] No plano do discurso, três vozes se alternam: a do narrador, a do Mostrengo, a do timoneiro (CAMOCARDI, 1996, p. 47).

É inegável que Pessoa se utilizou da numerologia, o que se confirma por ser ele extremamente místico. O número três pode significar a travessia humana: nascimento, vida e morte. **Mensagem** é dividido numa tríade: surgimento, apogeu e queda de Portugal. Há ainda a possibilidade de o três simbolizar a união da trindade santa no homem: Deus, o Filho e o Espírito Santo. O que reforça essa afirmação é o fato de o messianismo/sebastianismo estar presente na obra: a aguardada volta de um messias em forma de rei que revitalizaria a nação criando o Quinto-Império.

O número nove, segundo o Dicionário de Símbolos de Jean Chevallier e Alain Gheerbrandt “anuncia ao mesmo tempo um fim e um começo, isto é, uma transposição para um plano novo” (1991, p.644). Não poderia ser mais pertinente atribuir esse sentido a tal número, pois é justamente o que acontece com Portugal durante as Grandes Navegações: há um fim da era de escuridão, na qual não se tinha conhecimento sobre o além-mar, e o início de uma era em que os horizontes se abrem.

O nacionalismo é caracterizado por seu forte amor à pátria. Pessoa exprime, através de **Mensagem**, um amor incondicional por sua terra. Vale notar que **Mensagem** se chamaria Portugal, mas o autor não achou o livro digno do nome da pátria e por isso mudou o título.

É válido voltarmos nossa atenção para a mistura entre três vozes discursivas: o Mostrengo, o narrador e o timoneiro. As vozes do Mostrengo e do narrador já ficaram explícitas nos trechos analisados; vamos nos voltar para a terceira voz, a do timoneiro:

Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um povo que quer o mar que é teu.
E mais que o Mostrengo, que minha alma teme
E roda nas trevas do Fim do Mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo! (PESSOA, 2018, p.44).

Esse é o clímax do poema. A vontade, nas palavras do timoneiro, parece transpor qualquer limite imposto a um homem comum: “sou mais do que eu”. O timoneiro sabe que o empenho não é por um motivo individual, mas que carrega a vontade da nação, do que decorre a grandeza épica. Apesar do medo provocado pela presença do Mostrengo, que “roda nas trevas do Fim do Mundo”, aquele que guarda o desconhecido, representando o desafio a ser superado, não intimida os lusitanos. Observemos o que diz Nicola:

A salientar a intensa carga dramática do texto, reforçada pela estrutura no diálogo e que culmina com a última fala do marinheiro. Nessa passagem final, o marinheiro cresce a ponto de suplantar o medo e o próprio Mostrengo, pois já não é um marinheiro qualquer, é mais do que isso: é a própria representação de todo o Povo português [...] (NICOLA, 2007, p. 79).

A fala entre o Mostrengo e o timoneiro é o momento de maior tensão do texto, justamente pelo caráter dialógico entre o perigo/superação representados. Vale lembrarmos que uma das características da epopeia antiga é a força sobre-humana do herói; o timoneiro aqui exerce essa função e é tomado por essa força transcendente que o faz superar o perigo, agigantando-se. Justamente por isso há muitas discussões entre a crítica quanto ao gênero do livro: seria ele lírico, épico, híbrido? É claro que possui elementos épicos e líricos combinados. Mas para responder melhor e rapidamente a essa questão, Massaud Moisés, em **Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge**, trata **Mensagem** da seguinte forma: “A retomada da epopeia nacional à luz da modernidade” (2009, p. 219). Optamos por essa definição de Moisés pela amplitude de sua abordagem, admitindo características da epopeia nacional, mas não limitando **Mensagem** como apenas uma referência ao antigo gênero, sobretudo a **Os**

Lusiadas, e sim atribuindo o devido valor ao livro de Pessoa, o qual realiza uma releitura não só do gênero epopeia, mas de Portugal.

Finalmente, nos dois últimos versos, notamos o uso da primeira pessoa (pronomes “me” que, como vimos, adquire sentido coletivo = Portugal) para reforçar que a vontade do rei mantém o timoneiro ao leme (a figura da nobreza é valorizada afinal). D. João II foi um grande empreendedor das explorações atlânticas, propiciando conquistas como o descobrimento do Rio Congo e a exploração da costa da Namíbia. Iniciou a primeira viagem no caminho marítimo para as Índias em 1495 (depois seria concluída por Vasco da Gama, tornando-se matéria para a grande epopeia camonianiana). Mas a conquista que mais nos interessa ocorreu quando Bartolomeu Dias cruza o Cabo da Boa Esperança e torna-se o primeiro europeu a navegar pelo Oceano Índico. O poema é um canto sobre a conquista do Cabo das Tormentas, que viria a ser nomeado de Boa Esperança, simbolizando as novas perspectivas que nasciam nas almas portuguesas com essa conquista.

O próximo objeto submetido a análise é “Mar português”. Difere de “O Mostrengo” não em sua importância, naturalmente, mas nos elementos/atmosfera que Pessoa imprime ao texto. O poema anterior é composto por um discurso com forte teor épico, com o objetivo de enaltecer os lusitanos mediante as grandes conquistas realizadas. Em “Mar português”, teremos dois núcleos que permeiam o poema: o primeiro é o caminho realizado e os sofrimentos dessas viagens para a nação; o segundo é realmente um questionamento sobre o sofrimento pelo qual a pátria passou: “Valeu a pena”?

Tomemos os primeiros versos “Ó mar salgado, quanto do teu sal/São Lágrimas de Portugal!” (PESSOA, 2018, p.52).

O que mais chama nossa atenção à primeira vista é a interjeição ao lado do substantivo “mar” transformado em vocativo; note-se um tom de clamor e submissão perante um ser superior, personificado (a interjeição confere uma forma solene e respeitosa de se dirigir a tal elemento). O poema começa com um tom melancólico: o eu-poético faz um questionamento e, ao realizá-lo, propõe uma reflexão sobre a história do país: o meio pelo qual Portugal chegou ao apogeu foi o mar, o desafio proposto aos lusitanos vinha do mar e a conquista/glória viria do mar. O vínculo histórico entre mar/Portugal é, portanto, visceral e grandioso – os lusitanos são lembrados pelos feitos importantíssimos para a história mundial os quais foram realizados nesse ambiente.

Ainda no primeiro verso, observamos o advérbio de intensidade “quanto”, justamente cumprindo a função de intensificar a dor sofrida pelos portugueses. Em seguida, entre o

primeiro e segundo verso, teremos uma hipérbole construída por “quanto do teu sal/são lágrimas”: o eu lírico, de forma exagerada (e ainda em tom de veneração), afirma que grande parte do mar salgado é composto de lágrimas da nação portuguesa. Indo além, destaquemos as maiúsculas alegóricas no verbo “São” e no substantivo “Lágrimas” (intencionais). Tais alegorias ilustram dois vieses das Grandes Navegações: o tamanho do sofrimento e o valor da conquista. Sofrimento, aliás, que não é de um ser individual, mas sim “de Portugal”: toda a nação, toda a sociedade lusitana faz parte dessas conquistas. Vejamos as palavras de Nicola a respeito de “Mar português”:

Fernando Pessoa retoma a fusão das lágrimas com as águas do mar, comunhão mais que perfeita da aventura portuguesa. Na primeira estrofe do poema, o mar aparece como vocativo e considerado como entidade superior, divina, mitificada. [...] Esse é o tom da fala em primeira pessoa do plural, isto é, de todo o Povo português a lamentar o alto preço pago. (NICOLA, 2007, p. 80).

A citação acima completa o sentido da análise empreendida. Logo nos dois primeiros versos, temos uma reflexão profunda sobre o passado de uma nação. Adiante, o poema distingue duas causas de todo esse sofrimento, numa espécie de travessia/trajetória lusitana “Por te cruzarmos, quantas mães choraram/Quantos filhos em vão rezaram!” (PESSOA, 2018, p. 52).

Todo objetivo nasce de uma causa, uma necessidade, e não é diferente no texto pessoano o qual estabelece como motivo desse sofrimento a cruzada empreendida no Atlântico. Adiante, retrata os sofrimentos das mães, filhos e esposas que talvez nunca mais veriam seus entes queridos, pois, nessa aventura, menores seriam as chances do sucesso do que do fracasso. Com esse jogo entre motivo/sofrimento, Pessoa intensifica o nacionalismo, pois a empreitada realizada necessitou dos marinheiros que abandonassem suas famílias em prol da nação: “Para que fosses nosso, ó mar!” (PESSOA, 2018, p.52).

O último verso da primeira sextilha do poema simboliza o objetivo da travessia, do sofrimento, da missão portuguesa de iluminar o desconhecido, ou seja, conquistar o mar. Daí vem a epígrafe que inicia a segunda parte do livro **Mensagem** (“possessio maris”), remetendo aos romanos, que obtiveram o domínio dos mares (“mare nostrum”).

Como já foi dito no começo da análise, o segundo núcleo desse poema vem de um questionamento sobre o valor de todo esse sofrimento passado. “Valeu a Pena? Tudo vale a pena/Se a alma não é pequena.” (PESSOA, 2018, p. 52).

Talvez sejam estes os versos mais famosos de **Mensagem**, porque carregados de um sentido muito profundo. A interrogação retórica que há em “Valeu a Pena?” provoca

instintivamente a resposta em nós (leitores). O eulírico apresenta ele mesmo a resposta, porém coloca uma condição que irá transcender (o que configura o tom universal de **Mensagem**) qualquer motivo material ligado às Navegações.

O eu poemático afirma que vale a pena, mas a condição é “Se a alma não é pequena”. Não estamos falando mais no empreendimento atlântico como algo material visando apenas ao geográfico. Aqui se fala da expansão do espírito humano e da alma. Prestemos atenção em como o poeta parte aparentemente de motivos estritamente econômicos para algo transcendente ao homem: as conquistas, agora, não farão o bem apenas para a nação, mas para a humanidade. Como teremos em Guimarães Rosa, um “Grande Sertão: Veredas”, aqui encontramos um herói “tão grande”, que não tem medo de arriscar a própria vida e a alma para sair em busca das conquistas que iluminarão do ponto de vista material a sua pátria, mas, espiritualmente seu ser. “Quem quer passar além do Bojador/Tem que passar além da dor.” (PESSOA, 2018, p.52).

Retomando a questão da condição para obter as conquistas desejadas, ela requer um sentimento de dedicação e coragem, sabendo que a dor individual não é maior ou mais importante que o bem comum (buscado por todos): é nessa compreensão que mora a grandiosidade das conquistas. Mais que os feitos materiais, essa transcendência espiritual é o fator verdadeiramente épico. Arrematando o terceiro e o quarto verso da segunda sextilha do poema, a conquista lusitana teve êxito porque os portugueses não abriram mão da condição para a vitória, arriscando a própria vida (alma). “Deus ao mar o perigo e o abismo deu / Mas nele é que espelhou o céu.” (PESSOA, 2018, p.52).

Esses são os versos que encerram “Mar português”, concluindo de forma heroica a trajetória lusitana. Temos uma referência a “Deus”, que retoma os sentimentos cristãos e move o ideal de conquistas: expansão dos valores da fé. “Mar” novamente vem como símbolo do “ouro” a ser conquistado (a coisa valiosa), mas há nessa conquista a incerteza enfrentada pelos lusitanos (risco) – por isso: “o perigo e o abismo”.

Finalmente, Pessoa utiliza a conjunção adversativa “mas”, provocando uma contradição: apesar de o mar estar repleto de perigo, “[Mas] nele é que espelhou o céu”. O eu poemático afirma que não há outra saída aos portugueses: o lugar da conquista, o espaço a ser conquistado (céu), não tem outro caminho, tem que passar pelo mar. Vejamos a observação feita por Nicola: “E tudo vale a pena, pois se Deus no mar espelhou o céu, podemos concluir que conquistar o mar corresponde, na vida terrena e material, a conquistar o céu.” (NICOLA, 2007, p. 80).

É inevitável a ligação que fazemos entre a conquista do mar ser o reflexo do céu para os portugueses. Na época em que **Mensagem** foi publicado, Portugal estava imerso em grande crise. Era, portanto, penoso aos portugueses que atingiram esse “céu” no quinhentismo viver os anos de escuridão. Por isso o nacionalismo tem a função de alavancar as chamas e a esperança da nação – e em tal aspecto reside o sebastianismo de Pessoa.

Considerações Finais

Fica claro que, para além de um sentimento idealista, o nacionalismo pessoano visava a algo transcendente – o projeto de reconstrução da nação portuguesa. E, para isso, o autor recobra o passado glorioso da pátria para exortar os lusitanos à retomada dos tempos áureos de Portugal.

Não é tarefa simples analisar uma obra tão ampla que excedeu os limites da literatura portuguesa, sobretudo num gênero acadêmico restrito como é o artigo. Entretanto, acreditamos ter escolhido dois textos fundamentais para a análise de **Mensagem**, o suficiente para demonstrar a grandeza da poesia de Fernando Pessoa, seja o ortônimo, como também os heterônimos, através dos quais também logra êxito e excelência.

Mensagem, dado o contexto em que vivia o país, exerceu grande influência sobre os lusitanos e se eternizou como obra lírico-épica, das melhores que se têm produzido em Portugal – o que não significa pouco, pois as letras daquele país consagraram nomes como Camões, Bocage e Antero de Quental – para falar apenas do passado. Pelas palavras, Pessoa revive o apogeu da nação e exorta a acreditar, de fato, que “tudo vale a pena/ se a alma não é pequena”. Com sua poesia, Portugal se coloca outra vez no rumo da grande literatura, o que de melhor a cultura ocidental tem produzido.

Referências Bibliográficas

- CAMOCARDI, Elêusis M..**Fernando Pessoa Mensagem: história, mito, metáfora**. v. 21.. São Paulo: Arte & Ciência, 1996.
- CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES Thereza Cochar.**Português: Linguagens**. 2. ed.. São Paulo: Atual, 1997.
- CHEVALLIER, Jean e GHEERBRANDT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 5. ed.. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1991.
- MOISÉS, Massaud. **Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge**. 3. ed.. São Paulo: Cultrix, 2009.
- _____. **A literatura portuguesa**. 27. ed.. São Paulo: Cultrix, 1992.

NICOLA, José de e INFANTE, Ulisses. **Margens do Texto**. São Paulo: Scipione, 2007.
PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Princípios, 2018.